

# Apresentação

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.82.1>

## **Inês Amaral**

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal/Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0003-4929-4866>  
[ines.amaral@uc.pt](mailto:ines.amaral@uc.pt)

## **Ana Marta M. Flores**

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal/ICNOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0002-5078-5534>  
[amflores@fl.uc.pt](mailto:amflores@fl.uc.pt)

## **Eduardo Antunes**

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0003-1372-8052>  
[eduardo.antunes@fl.uc.pt](mailto:eduardo.antunes@fl.uc.pt)

*O ebook *Apps e Jovens Adultos: Contributos Para um Mapeamento de Práticas Mediadas* propõe um panorama teórico, prático, crítico e prospetivo sobre os usos e apropriações de aplicações móveis por pessoas entre os 18 e os 30 anos. Segmentado em três partes, o livro constrói uma linha temporal que se inicia a partir do capítulo de bases teóricas focado em práticas digitalmente mediadas relacionadas com o público jovem. A publicação parte de um entendimento da tecnologia como produtora de significados,*

subjetividade e agência, modelada por relações de poder, desafiando a investigação tradicionalmente baseada nos riscos e oportunidades ou nos usos e gratificações das práticas digitais. Adotando uma perspectiva crítica dos média digitais contemporâneos, o mapeamento teórico analisa *affordances*, gramáticas, políticas das plataformas e conteúdos, assim como sexualidades, identidade de género, intimidade mediada, culturas sexuais digitais e interação em interfaces.

Pesquisas anteriores apontam que a forma como os utilizadores se envolvem em aplicações populares de automonitorização (*self-tracking*) e de saúde, por exemplo, parece responder conforme o género. A partir dos usos e gratificações, a investigação sobre este tópico mostra que o maior interesse dos homens pela tecnologia resultou numa maior adoção de aplicações relacionadas à saúde (*mHealth*; Nacinovich, 2011) em comparação com as mulheres (Zhang et al., 2014). Foram também identificadas diferenças de género nos motivos, envolvimento e partilha nos resultados da atividade física nas redes sociais (Klenk et al., 2017).

A proposta do livro, por outro lado, avança em questionar como os géneros e as sexualidades são construídos nas práticas de produção e consumo destes meios de comunicação contemporâneos. Como um exercício de atualizar e contribuir para os estudos na área, uma série de temáticas são desenvolvidas e cruzadas, desde uma abordagem mais instrumental com tecnicidade, *affordances* e gramáticas de aplicações, governança algorítmica e interação humano-computador, por exemplo. Para complementar este panorama teórico, são apresentados temas e estudos prévios sobre as performances identitárias e representações do corpo, intimidade mediada e culturas sexuais digitais.

As aplicações móveis podem ser identificadas tanto como textos multimédia como tecnologias digitais do corpo. O reconhecimento do papel das aplicações de jogos, *dating* ou saúde e *fitness* requer assim um duplo empenho analítico: na sua natureza simbólica, como ambientes de comunicação digital, e na sua dimensão experimental, como ferramentas tecnológicas (Amaral et al., 2022; Fotopoulou & O’Riordan, 2017; Simões & Amaral, 2022). A primeira parte deste livro explora os domínios interligados e sublinha a importância de mapear as ideias e as práticas discursivas que as aplicações populares transmitem. Para além disso, também procura identificar na literatura de que forma as sensações, emoções e a incorporação implementada em usos concretos estão ligadas a relações de poder a partir do género. Esta primeira parte é constituída por seis capítulos,

iniciando-se com uma reflexão sobre os contextos que permitem dinâmicas genderizadas em aplicações móveis e, ainda, noutros contextos digitais, quer em termos de movimentações mais populares em homens e em mulheres, como no potencial digital de construção e expressão de género. O segundo capítulo foca-se na tecnicidade, em *affordances* e gramáticas das aplicações, explicitando esses três conceitos, que em conjunto estruturam e modelam a forma como se navega nas aplicações móveis quer do ponto de vista tecnológico, mas também social e cultural. O terceiro capítulo foca-se na ligação entre os contextos digitais e as sexualidades e identidades de género, nomeadamente via a perceção e negociação digital dessas identidades sexuais e de género por parte de jovens em idade adulta LGBTQ+, salientando três aspetos: a construção da comunidade *queer*, a negociação de *scripts* de género e a gestão e performance de identidade nas plataformas digitais. Já o quarto capítulo desta primeira parte foca-se, particularmente, nas culturas sexuais digitais, a partir de reflexões sobre aplicações de *dating*, resultantes de uma revisão sistemática de literatura que segue a orientação metodológica PRISMA (Page et al., 2021). Os restantes dois capítulos englobados nesta primeira parte assumem pendores mais tecnicistas do ponto de vista tecnológico. O quinto capítulo foca-se na governação algorítmica (*algorithmic governance*, por vezes, “algocracy”) como um sistema altamente complexo e influente, assumindo, através de uma revisão literária, uma visão crítica quer negativa, como face ao controlo da vida social, como positiva, no que toca, por exemplo, à autonomia científica na melhoria de cuidados de saúde. A primeira parte do livro encerra-se com um sexto capítulo que demonstra como a área da *human-technology interaction* (interação humano-computador) é uma das áreas de investigação que mais emergiu recentemente, focando-se na ideia de como se pode centrar na ideia da interação a forma como as pessoas se conectam com um conjunto de produtos tecnológicos, necessariamente, interativos (sistemas, tecnologias, dispositivos, aplicações, entre outros).

A segunda parte do livro apresenta movimentos contemporâneos e emergentes ligados ao comportamento de jovens adultos, com especial atenção a sinais e casos partilhados globalmente. Para além de espaços de extensão do *self*, a esfera das aplicações está imersa em processos de digitalização da vida quotidiana e de plataformação – um contexto indissociável da narrativa de estilos de vida dos jovens. Os *trend studies* são um campo transdisciplinar em desenvolvimento formado por conceitos, técnicas e ferramentas das ciências sociais e humanidades, com base nos estudos culturais e em articulação com métodos da antropologia, do marketing e do design. As ciências sociais são a base metodológica, enquanto as humanidades trazem

o panorama cultural (Gomes & Francisco, 2013; Gomes et al., 2018; Rech, 2016) no qual estão inseridos, por exemplo, a tecnologia, a arte, o mercado, o jornalismo e os padrões de comportamento. Através dessa perspectiva é possível identificar valores comuns que operam na sociedade ocidental e que estão diretamente relacionados com as tendências socioculturais, sejam de ordem macro ou micro. A partir de metodologias oriundas dos estudos de tendências, o capítulo aponta para um dossiê de três tendências socioculturais emergentes, com ênfase no repertório de jovens adultos. A tendência da economia da intenção (*intention economy*) trata da mudança que parte da exaustão de conteúdo informativo para uma dieta informacional com intenção e propósito. Já o movimento da cultura da atualização (*upgrade*) na indústria do bem-estar é o comportamento crescente numa pressão constante para viver uma rotina equilibrada em nome do bem-estar, seja por meio de uma aplicação para meditação ou de uma *hashtag* nas plataformas sociais. E, por fim, o efeito dopamina e a crise de curiosidade diz respeito a um padrão nos jovens que busca associar atividades diárias ao neurotransmissor associado a sensações de prazer e recompensa cada vez mais rápido, gerando assim uma crise de interesse em temas diferentes do que se está habituado.

A terceira e última parte do livro apropria-se do cenário atual e avança numa análise prospectiva com o objetivo de apresentar um retrato abrangente e criativo do futuro. O capítulo é resultante da execução das fases de delimitação do âmbito e de criação, com a utilização de exploração do horizonte, histórias de cenários e métodos convergentes (revisão bibliográfica e modelação de cenários) – com base no processo de sete etapas de Saritas (2013). Este é um exercício de previsão desenvolvido a partir dos quatro cenários analíticos delineados: (a) *geração me*: individualismo social e digital; (b) *geração we*: o digital como mediador da cidadania ativa e consciente; (c) movimento *anti-self-tracking*: resistência à intrusiva cultura de vigilância; e (d) cobaias digitais: imersão tecnológica em resposta à crise da curiosidade. A construção de histórias pode “produzir conhecimento socialmente construído” com “potencial performativo” (Fuller & Loogma, 2009, pp. 75–76). Ancorado numa perspectiva social construcionista, este capítulo parte para uma abordagem crítica da tecnologia que possibilita estabelecer pontos de partida que plasam a mediação digital enquanto processo de transformação. Nesta perspectiva, este capítulo centra-se na sociologia das expectativas (Borup et al., 2006), antecipando horizontes societais (Konrad, 2006; van Lente, 2012).

O livro *Apps e Jovens Adultos: Contributos Para um Mapeamento de Práticas Mediadas* tem edição de três investigadores do projeto *MyGender* e colaboração de mais outros quatro pesquisadores da iniciativa financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/COM-CSS/5947/2020) e sediada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

## Agradecimentos

Este livro teve o apoio financeiro de fundos nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) no contexto do projeto *MyGender-Práticas Mediadas de Jovens Adultos: Promover Justiça de Género nas e Através de Aplicações Móveis* (PTDC/COM-CSS/5947/2020). Mais informações em <https://www.mygender.uc.pt> e <https://www.sciproj.ptcris.pt/163946PRJ>.

## Referências

- Amaral, I., Flores, A. M., & Antunes, E. (2022). Desafiando imaginários: Práticas mediadas de jovens adultos em aplicações móveis. *Media & Jornalismo*, 22(41), 141–160. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_41\\_8](https://doi.org/10.14195/2183-5462_41_8)
- Borup, M., Brown, N., Konrad, K., & Van Lente, H. (2006). The sociology of expectations in science and technology. *Technology Analysis & Strategic Management*, 18(3–4), 285–298. <https://doi.org/10.1080/09537320600777002>
- Fotopoulou, A., & O’Riordan, K. (2017). Training to self-care: Fitness tracking, biopedagogy and the healthy consumer. *Health Sociology Review*, 26(1), 54–68. <https://doi.org/10.1080/14461242.2016.1184582>
- Fuller, T., & Loogma, K. (2009). Constructing futures: A social constructionist perspective on foresight methodology. *Futures*, 41(2), 71–79. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2008.07.039>
- Gomes, N. P., Flores, A. M., & Cohen, S. (2018). Trend studies: An approach for analyzing and managing culture. *ModaPalavra*, 11(22), 82–112.
- Gomes, N. P., & Francisco, A. F. (2013). *Introdução aos estudos de tendências: Conceitos e modelos*. Trends Research Center/BeyondUniverse.
- Klenk, S., Reifegerste, D., & Renatus, R. (2017). Gender differences in gratifications from fitness app use and implications for health interventions. *Mobile Media & Communication*, 5(2) 178–193. <https://doi.org/10.1177/2050157917691557>
- Konrad, K. (2006). The social dynamics of expectations: The interaction of collective and actor-specific expectations on electronic commerce and interactive television. *Technology Analysis & Strategic Management*, 18(3–4), 429–444. <https://doi.org/10.1080/09537320600777192>

Nacinovich, M. (2011). Defining mHealth. *Journal of Communication in Healthcare*, 4(1), 1–3. <https://doi.org/10.1179/175380611X12950033990296>

Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ* 2021, 371(71). <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>

Rech, S. (2016, 30 de maio). *Tendências: A efígie da sociedade materializada no estilo e consumo. Entrevista a Leslie Chaves*. IHU On-line. <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6465-sandra-regina-rech>

Saritas, O. (2013). Systemic foresight methodology. In D. Meissner, L. Gokhberg, & A. Sokolov (Eds.), *Science, technology and innovation policy for the future: Potentials and limits of foresight studies* (pp. 83–117). Springer.

Simões, R. B., & Amaral, I. (2022). Sexuality and self-tracking apps: Reshaping gender relations and sexual reproductive practices. In E. Rees (Ed.), *The Routledge companion to gender, sexuality, and culture* (pp. 413–423). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780367822040-41>

van Lente, H. (2012). Navigating foresight in a sea of expectations: Lessons from the sociology of expectations. *Technology Analysis & Strategic Management*, 24(8), 769–782. <https://doi.org/10.1080/09537325.2012.715478>

Zhang, X., Guo, X., Lai, K.-h., Guo, F., & Li, C. (2014). Understanding gender differences in m-health adoption: A modified theory of reasoned action model. *Telemedicine and e-Health*, 20(1), 39–46. <https://doi.org/10.1089/tmj.2013.0092>